

FORA DO TEMPO E DO ESPAÇO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Se você tem menos de quarenta anos não chegou a ver, e portanto não pode se lembrar dos filmes de Max Linder. Era um cômico francês, irrequieto, com bigodes recurvados, monóculo, e um chapéu de palha, que parece ter uma necessidade e profunda correlação com o riso gaulês, porque o vemos reaparecer em Maurice Chevalier com a mesma vontade de ser muito engraçado. Até onde vai a gama de meu riso não encontrei faixa nenhuma onde pudesse sincronizar com as intenções cômicas de Max Linder e Maurice Chevalier; mas não se trata disto, nem faço questão de defender o estilo inglês, no qual o chapéu coco de Carlito toma o lugar da palheta francesa. Lembrei-me de Max Linder porque todos ou quase todos os seus filmes tinham uma característica, um leit-motiv: a correria final. Max fugia por ter feito alguma, e alguém corria atrás dele furiosamente para recuperar algum objeto ou vingar a honra ultrajada. Esse alguém esbarrava num terceiro e desencadeava o que poderíamos hoje chamar um segundo estágio da vindicta. Lá vai o terceiro atrás do segundo, e esbarrando produz um quarto que por sua vez derruba as laranjas de um quinto, e as laranjas espalhadas fazem todo mundo cair, o que aumenta a confusão e a correria. Ora, esse é também o leit-motiv principal do governo do dr. Juscelino Kubitschek, que também não teria graça nenhuma, ao menos para mim, se não fossem os paradoxos do riso. No caso de Max Linder o que tirava a graça era a história dos helicópteros queção de ser engraçado; no caso do dr. Kubitschek, a correria começa a ter graça por causa da seriedade engraçadíssima com que é praticada.

A verdade é que nunca imaginei que pudesse existir um Presidente da República tão rápido, tão lépido, tão pronto para atender a todos os problemas de um vasto país, tão disposto a ser padrinho de casamento, paraninfo, fundador de cidades, industrializador, desenvolvimentista, acelerador tão ultra-sônico aerodinâmico, hidramático e eletrônico. Sua velocidade é tão grande que apesar de atender a todo o mundo deixa todo o mundo na mesma. Sua frequência é tão alta que se torna inaudível, imperceptível, inaproveitável por nós outros que não temos detectores especiais. Outro dia era a história dos helicópteros que vão de Laranjeiras ao Catete, porque o sr. Juscelino, que tem passagem livre, como a Assistência e o Corpo de Bombeiros, achava demais os cinco minutos do trajeto. Vai agora em um minuto e entra no palácio do Catete como um Papai Noel temporário. Vejam a rapidez com que atendeu aos governadores do Nordeste! Quando nós pensávamos que eram eles, os governadores, que teriam a palavra para expor o problema e formular as queixas, já o Presidente de alta frequência tinha discurso pronto, programas, plano, e foi ele quem explicou aos nordestinos quais as necessidades do nordeste. Foi ele quem propôs o remédio, quase como quem reclama dos governadores o atraso, a demora, a lerdeza que tiveram de apreender num fulgor a completa essência da miséria nordestina e de acorrer em busca de uma solução. Mas quem pode ser mais rápido do que o raio? Quem pode competir com o Homem-Voador?

Já me disseram que o dr. Juscelino fica muito contente quando alguém alude à sua mobilidade, ainda que seja para criticá-la. Parece estar convencido que a mobilidade é a mais alta virtude de um Presidente, e talvez mesmo a mais nobre virtude do homem. Não creio estar ao meu alcance a possibilidade de abalar essa convicção presidencial, mas talvez exista algum leitor capaz de entender que a mobilidade do corpo é um dos mais baixos sinais de atividade propriamente humana. Quando mais se mexe mais se afasta o homem de sua definição, de sua essência, e é fácil ver, nas camadas sociais, que o nível de dignidade cresce em razão inversa da mobilidade. A trepidação onde o ofício exige compasso e serenidade, é sinal de perturbação, de desordem interna, e aquilo que parece ser positivo não passa de um mecanismo negativo de evasões. O irrequieto, o veloz, o ultra-sônico é na verdade o homem que está constantemente fugindo de si mesmo, de sua função, de seu trabalho. Nos dias de corrigir provas eu também tenho crises de mobilidade. Sinto impetos de correr, de voar, de concertar móveis, de arrumar gavetas, de fazer coisas violentas e fulgurantes, de fazer tudo que não seja corrigir provas. Se tivesse a mão um Viscount iria a Brasília; se tivesse um helicóptero, preferiria entrevistar pessoalmente cada aluno, entrando nas casas deles pelos telhados, do que simplesmente sentar-me à mesa e corrigir as provas. Se numa destas horas me viessem dizer que havia uma goteira no quarto das meninas, ou que a gata entrou em agonia, e suposta em mim a existência de um mecanismo semelhante ao que funciona nos casos extre-

mos da mania de evasão, eu sairia correndo a inaugurar a Operação Goteira, ou a Operação-Gata. A mobilidade, quando atinge grau tão notável, é evidente sinal de desejo de evasão, e portanto é a mais negativa das atitudes. Um governo posto em termos de mobilidade máxima dá nisto que lembra os filmes de Max Linder: correria desabalada e incontrolada. Corre todo o mundo atrás de um cruzeiro que rola pela ladeira da desvalorização. As laranjas, as melancias derrubadas simbolizam a COFAP que corre atrás do Max Linder, perseguida de perto pelo povo. O farmacêutico cobrou 220 por um remédio que há um mês vendeu por 140, cobrou ao professor, mas o professor que não é de ferro cobra ao aluno, o aluno pede ao pai, o pai diz que os colegas são ladrões, e como ele não é besta, nem de ferro, procura de quem tirar. Se é funcionário, grita por um aumento geral que vai incidir no salário mínimo e que vai obrigar o farmacêutico a pagar mais aos ajudantes e consequentemente a cobrar mais dos consumidores. De vez em quando a COFAP escolhe uma classe, um tipo de negócio para ser imolado, mas no alarido provocado pela correria e pelo furor reivindicatório tem de largar este para pegar aquele, entrando na mesma lei da mobilidade ineficaz e doida.

Se analisarmos o espectro psicológico do complexo de fuga do atual Presidente da República, encontraremos dois elementos básicos de transcendental importância para nós: o Governo foge no tempo e no espaço. O programa de metas, de acenos de esperanças, de promessas de desenvolvimento, põe no futuro, num futuro vago e de controle difícil, o centro de gravidade da ação governamental. O povo está fazendo enormes sacrifícios e é convidado pelo governo a acreditar piamente que esses sacrifícios serão fecundos para as gerações vindouras e para o eterno Brasil, como alguém já disse, Ora, não me parece que um Estado tenha o direito de exigir tais sacrifícios em nome de tais promessas, os casos extraordinários, como por exemplo no de uma injusta agressão estrangeira, o Estado tem direito de apelar para os cidadãos se o de pedir-lhe grandes sacrifícios; mas o que não pode um governo é governar como se estivessemos sempre em guerra sangrenta e cruel. Na promoção do bem comum há sempre, indubitavelmente, um quantum de energia orientado para o progresso do país, para o desenvolvimento, para o futuro remoto, mas a maior parte das medidas visam o atingimento de um bem-estar presente e de uma segurança em futuro próximo. O presidente eleito para o quinquênio 1955-1961 tem obrigação de se interessar pelas pessoas que vivem dentro desse quadro

cronológico, como tem obrigação de se interessar pelas pessoas que vivem dentro deste quadro geográfico. É bem possível — o mundo dá tantas voltas! — que a nação brasileira, dentro de cento e cinquenta mil anos venha a tornar-se errante, como os judeus até poucos anos atrás, e venha a fixar-se no Continente da Anárctica. Se tal idéia passasse pelo espírito de um Presidente de visão profética tão dilatada, ele quereria desde já assegurar naquelas terras frias alguma base que facilitasse nossa operação futura. Ora, meus senhores, Brasília é isto; a estrada Belém-Brasília é isto, e tudo o mais que tem sido feito com alarde é coisa incompleta, que pede flexão verbal em ará ou arão para ter algum sentido. Brasília será uma cidade dentro de uns cinquenta ou cem anos. O efeito benéfico da indústria automobilística será sensível dentro de cem ou duzentos anos. Alguns economistas tem sérios motivos para duvidar desse efeito benéfico ainda que remoto, e isto nos dá uma idéia da malícia, da falta de honestidade que se esconde nesse futurismo governamental. É evidentemente muito mais raciocinar e demonstrar que uma coisa será boa daqui a cem anos do que provar que é boa agora, hoje, a vertiginosa carestia da vida. E com alguma retórica é fácil provar que aquela esperança colocada no milênio é mais sublime, mais patriótica ou nacionalista, do que a vulgar exigência de um bem-estar concreto e atual. O governo do sr. Juscelino se orienta para os un-born babies a que Chesterton mais de uma vez alude. Os ebabies que nasceram, e principalmente os que já estão atingindo idade escolar não contam com ele. Ele é veloz demais para se deter em tais mesquinhas. E assim se vê que a parcela do bem-comum que, têm o mais legítimo teor de futuro, que é a educação, não entra nas metas e nos planos do Presidente que rompeu a barreira do som. Na semana que vem procurarei mostrar que a mobilidade presidencial é também uma fuga no espaço, como acabamos de ver que é uma evasão no tempo.